

DO PROFANO AO SAGRADO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DA LAVAGEM DE SANT'ANA DA “PRINCESA DO SERTÃO - BA” DURANTE A DÉCADA DE 1980

Verônica Alves dos Santos Conceição; Débora Araújo Leal; Dênia Rodrigues Chagas; Stânia Nágila Vasconcelos Carneiro.

Universidade Tiradentes (UNIT). veronica.alves604@gmail.com; Instituto Universitário Italiano do Rosário – IUNIR. delleal8@hotmail.com; Faculdade Católica Dom Orione. denia_enf@hotmail.com; Centro Universitário Católica de Quixadá. stanagila@hotmail.com.

Resumo: O estudo em voga analisa a Lavagem de Sant'Ana durante a década de 1980, na cidade de Feira de Santana na Bahia, conhecida como a “Princesa do sertão” a partir de notícias publicadas nos jornais Feira Hoje e Folha do Norte. A pesquisa teve como objetivo compreender o universo festivo desse evento em seus vários momentos e significados, além das representações sociais existentes sobre a festa, problematizando-a partir dos participantes da Lavagem e das apropriações deles nesse evento festivo. A escolha desse período se deu pelo fato de demarcar os anos finais da festa profana e extinção da Lavagem por determinação da Igreja Católica Feirense, com o apoio da Prefeitura Municipal de Feira de Santana. Conclui-se que a Lavagem era formada por multivivências e era apropriada de diferentes formas e sentidos pelos seus participantes.

Palavras-chave: Festa, Apropriação e Representação, Sentidos, Lavagem de Sant'Ana.

Introdução

Nascida no fim do século dezoito, nas terras de Peixoto Viegas, em São José da Itapororoca, a cidade de Feira de Santana localizada no estado da Bahia hoje se destaca por ser um entreposto comercial devido a sua localização privilegiada ligando o Sertão ao norte e ao sul do país. Seu nome faz referência à tradição comercial que girava em torno das feiras de gado, e é também uma homenagem a sua padroeira católica, Senhora Sant'Ana.

No Brasil, as primeiras notícias de devoção a Sant'Ana indicam que os bandeirantes a invocavam para ter boas viagens em seus desbravamentos pelo interior do Brasil colonial. Em Feira de Santana, as primeiras notícias a respeito do culto e devoção a Senhora Sant'Ana são de 1732, com o casal Barbosa, segundo Galvão (1982), inicialmente, vinculada à Paróquia de São José da Itapororoca, pertencente à comarca de Cachoeira.

Foi iniciado também no século dezoito pelo casal Domingos Barbosa e Ana Brandão, que doaram para a Igreja Católica um terreno no Alto da Boa Vista, onde foi erguida uma capela em homenagem a Sant'Ana e a São Domingos (GALVÃO 1982, p. 30). Em 09 de maio de 1832, o Arraial de Sant'Ana foi elevado à condição de Vila de Sant'Ana dos Olhos d'Água da Feira, com a instalação do governo municipal, a 18 de setembro de 1833. Em 1846, a paróquia de São José foi transferida para a nova sede - antiga capela doada pelo casal

Barbosa - que se tornou matriz de Sant'Ana. Neste momento, se fortaleceram os festejos religiosos em homenagem à padroeira da região, cuja devoção é uma herança portuguesa adotada desde o período colonial no Brasil. E que provavelmente se ramificou com culturas de outros segmentos sociais.

Boaventura (2006), memorialista relata que a Festa de Santana nas primeiras décadas do século XXI definia a ordem dos dias destinados à pomposa Festa de Sant'Ana. Durante esse grande acontecimento festivo, toda a cidade se mobilizava para organizar as homenagens à padroeira, e se preparava para estar presente nos dias de festa, assim narra o texto do memorialista Boaventura:

E as mocinhas de economia escabreada, as senhoras menos abastadas esperavam o ano todo para fazer um vestido melhor para festa [...], o vestido ficava identificado como vestido da festa (ALVES, 2006, p. 26).

No fechamento da festa, que se dividia entre momentos marcados por rituais de quebra da ordem, como a Lavagem e o Bando Anunciador, considerados como eventos profanos e os rituais lúdicos, como a procissão, encerrava os vinte e um dias de festa com orações e a saída pelas ruas dos santos levados nos andores, sustentados nos ombros dos fiéis que percorriam as avenidas e praças numa demonstração de fé e fidelidade aos preceitos cristãos tão pregados nos sermões ao longo das trezenas, novenas e missas, comandadas pelo pároco e palestrantes convidados.

A imagem mais comum para os estrangeiros e outros brasileiros da Bahia é da “terra de todos os santos”, por isso seria um lugar de muitas festas e comemorações. Imaginário à parte, evidências indicam que o calendário festivo baiano é um dos mais repletos e ricos do Brasil, constituído especialmente pelas festas de cunho católico, marcado por comemorações de padroeiros, oragos e patronos, além da semana santa e outras formas de manifestações devocionais, muitas vezes fundidas às expressões carnavalescas.

Por esta razão antropólogos, semióticos e historiadores, entre outros pesquisadores se debruçam sobre essas comemorações, nas suas múltiplas expressões e no seu desenvolver-se, argumentam que as mesmas trafegam de forma muito tênue entre as fronteiras do sagrado e do profano, confundindo os limites desses espaços. Neste estudo as noções de Sagrado e Profano são fundamentadas a partir das discussões do antropólogo baiano Serra (2009), com base em Eliade (1992). Estes afirmam que o Sagrado e o Profano são espaços de circulação entre homens que se consideram homens religiosos e não religiosos. A partir desta proposição, discutimos que existiam sujeitos que faziam parte da festa profana durante as

homenagens à padroeira, outros apenas faziam parte apenas da parte litúrgica e também existiam os que transitavam entre os espaços profanos e sagrados.

O começo dos festejos da lavagem de Santana iniciava-se com as festividades no alto do cruzeiro. Subindo e descendo ladeiras, sambando, cantando, se requebrando, uma multidão lavou a alma no deleite de um cortejo longo que saiu do Alto do cruzeiro numa animação considerada até certo ponto surpreendente. (Jornal Feira Hoje 21 de janeiro de 1983, p.4). A presença do sincretismo religioso também era muito notável. Segundo a mesma reportagem citada acima afirmava que o terreiro de Mãe Socorro arrastou o cortejo, como tradicionalmente ocorria. E vai mais além à narrativa: A Mãe Socorro, que puxava o cortejo, ajoelhou-se diante do templo de Santana e rogou para que “ Feira de Santana e a Bahia tenham um bom governo” e para que a padroeira da cidade “ dê dias melhores para o povo desta terra”

Sobre Festa, Couto (p.17, 2010) afirma que “além de manifestações lúdicas, as festas expressam comportamentos, valores e visões de mundo de um povo”. Portanto, para esta historiadora, elas podem ser lidas e compreendidas a partir do momento da busca do historiador pela compreensão das mudanças e transformações dos festejos em um dado contexto histórico, percebendo o seu lugar de surgimento e elaboração.

A Festa pode ser compreendida como um ritual. Segundo o dicionário Aurélio pode-se entender por ritual conjunto de gestos, palavras e formalidades, utilizados de maneira simbólica para que a mente acredite no que está fazendo, geralmente utilizado em religiões. O interesse pelo estudo da Festa como objeto de pesquisa surgiu da leitura de uma notícia da reedição do retorno do Bando Anunciador em 2007, sob a responsabilidade do Centro de Cultura e Arte (CUCA) - órgão da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O contato com essa notícia, em conjunto com minhas vivências de assistir e participar nos anos 2008, 2009 e 2010 do Bando Anunciador levantou a curiosidade em entender como se processava a Festa de Sant’Ana e suas manifestações variantes, constituída além do Bando Anunciador, pela Lavagem da Igreja e a Lavagem da Lenha da extinta Festa de Sant’Ana.

Metodologia

Estudo de natureza bibliográfica com base nos Jornais da época Folha do Norte e Feira Hoje. Estes dois jornais são os primeiros noticiários impresso da Bahia, o Jornal Folha do Norte nasceu em Feira de Santana em 1909 no corrente ano completou 105 anos perseverando no ofício de relatar aos seus leitores os fatos mais importantes da cidade e do país. De acordo com o jornalista Hugo Navarro (2017).

O jornal faz parte da história de Feira de Santana, mais que qualquer órgão de imprensa. Feira teve muitos jornais, mas todos pereceram e o Folha permaneceu, (Jornal Feira Hoje 26 de abril de 2017, p.4).

O jornal traz grandes possibilidades de estudos e inclusive objeto de pesquisa, considerando estas duas fontes centenárias como verdadeira memória da cidade de Feira de Santana. A Lavagem da Igreja, não só por ser uma das etapas da grande festa em homenagem à Senhora Sant'Ana, mas também por possuir certo destaque na imprensa local e na memória de antigos participantes, que revelaram sua nostalgia e prazer em ter participado do lado profano da festa, constituída pela lavagem. Compreender esse universo festivo em seus vários momentos e significados, além das representações sociais sobre o festejo, especialmente, sobre a Lavagem da Igreja é o objetivo da pesquisa em estudo.

A base para o corpus da pesquisa foram os jornais por sua riqueza de informações e potencialidades de evidências. Ler o jornal e interpretá-lo como fonte histórica é o caminho a ser feito pelo historiador com um olhar crítico e sem ingenuidades, pois se faz necessário uma filtragem da notícia e como ela foi produzida levantando questões para direcionar o percurso investigativo, buscando entender e dar conta das motivações que levaram a decisão de dar publicidade a alguma coisa, pois muitos interesses estão em jogo, tanto na publicação de certas notícias quanto na forma como foram publicadas.

Por sua estruturação e organização, o jornal é uma riqueza de informações, pois na sua própria produção das notícias há um interesse e objetivo seja na escolha das notícias ou das chamadas, a própria editoração se faz por uma escolha carregada de simbolismo e ideário por parte do promotor e editor do jornal. Levantar as notícias nos jornais Folha do Norte e Feira Hoje, disponibilizados no acervo da Casa do Sertão na Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS/BA, foi à escolha feita na pesquisa - que se concentrou nesse acervo - pois tiveram uma publicação e tiragem durante o recorte histórico do objeto estudado, apesar de, por falta de uma política de conservação, a Folha do Norte não ter toda a sua publicação diária conservada, havendo espaçamentos longos de publicação. Existe mesmo a falta de alguns exemplares nos anos de 1982, 1983, 1984, 1986 e 1989 e os outros anos dessa década reunirem um número bem menor comparados ao Feira Hoje, que reúne um número maior de publicações disponíveis nos anos estudados.

Os anos oitenta foram marcados por um debate que se chocava entre dois pontos de vistas diferentes, o primeiro dizia sobre a necessidade de ampliação da festa pelo contingente que chegava a cada ano para participar do evento, o segundo contrariando esse ponto de vista falava da necessidade de diminuição da festa pela falta de contingente de participantes,

resultado da evasão da população feirense para veranejar fora da cidade. Esse debate foi amplamente noticiado pelos jornais Feira Hoje e Folha do Norte. Tornou-se presente, nesse período, as acirradas disputas entre a Igreja Católica, desejosa pelo fim das manifestações populares, a instituição pública municipal através da SETUR (Secretaria de Turismo) e alguns membros da comunidade ligados diretamente à igreja Católica.

Resultados e discussões

Feira de Santana é uma cidade conhecida, dentre outros elementos, pela sua localização. Segundo Poppino (1968), Feira de Santana localiza-se favoravelmente entre o sertão e a costa, a mais ou menos 60 milhas a noroeste da cidade do Salvador. A posição geográfica de Feira de Santana, a meio caminho entre a costa e o interior, reflete-se na economia do município. O autor segue caracterizando-a como um mercado importante para os produtos agrícolas e pastoris, do interior.

A festa em louvor à senhora Santana, padroeira do município, era denominada Festa de Santana, foi por muito tempo a mais importante das festividades anuais que se realizava em Feira de Santana, interior da Bahia e sua microrregião. Sua origem remete ao período colonial, entretanto, a referência histórica mais longínqua é datada de 1888. Segundo, Poppino “desde os primeiros anos do século XX, as festividades costumavam efetuar-se em janeiro. Em 1914, e, de novo, em 1919, as cerimônias prolongaram-se até o fim de fevereiro, porém, durante as duas décadas que precederam o ano de 1950, o dia em que terminavam os festejos era o último domingo de janeiro” (Poppino, 1968, p. 278). Ainda de acordo com POPPINO dentro da Festa de Santana tinha um derivativo relevante para as energias sociais de todas as classes, em Feira de Santana, a alegria do povo pela participação em folguedos públicos exprimia-se muitas das vezes através das festas profanas.



Figura 01. O lado lúdico da lavagem Fonte: Jornal Feira Hoje 25/01/85 p. 03.

O interesse da Igreja em acabar com a Lavagem estava ligado à sua representação da quebra da ordem, comprovado pela dificuldade da Igreja em manter o controle sobre a população feirense. Ela também apresentava múltiplos significados produzidos no seu processamento através das suas performances culturais que podem ser investigadas e compreendidas pela História Cultural. Sendo a Lavagem uma expressão cultural popular, ela também pode fazer parte do campo simbólico, pois nela estão contidos símbolos que são desempenhados pelos participantes, seja de forma direta ou indireta durante o cortejo da Lavagem pelas ruas de Feira de Santana, seus diversos símbolos e códigos podem ser interpretados e compreendidos.

Considerações Finais

O estudo desenvolvido sobre a Lavagem de Santana teve o objetivo de compreender o universo festivo desse evento em seus vários momentos e significados, além das representações sociais existentes sobre a festa. Com base na pesquisa e no material usado para elaboração do estudo como livros de memorialistas e em especial as notícias de jornais publicadas pela Folha do Norte e Feira Hoje foi possível chegar a algumas respostas, mas também surgiram novas questões e possibilidades de pesquisa, nos mostrando que o estudo sobre esse objeto de pesquisa não se extinguiu nessa análise.

Uma das respostas encontradas pela pesquisa é que a Lavagem tinha uma linguagem própria, formadas por códigos e símbolos que a representava e dava a ela um caráter diferenciado das outras etapas da festa de Sant'Ana como o Bando Anunciador e a Procissão realizada pela Igreja como última etapa dos eventos em homenagem avó de Cristo. A Lavagem parecia momentaneamente quebrar a rotina e a ordem, se caracterizando pelo seu formato de ritos de inversão da ordem. Ela era um lugar de encontros e misturas de vários credos, costumes e culturas.

Nela se exaltava a democracia e o respeito das diferenças, pois nela cabiam as Baianas, travestis, travestido, carroceiros, cavaleiros e os protestos das condições sócias, políticas e econômicas do país e região feito pelo Movimento de Tribuna popular, além dos seus participantes os visitantes das cidades vizinhas, os moradores da Avenida Senhor dos Passos que em muito momentos acabavam saindo das calçadas e seguindo o cortejo puxado pelas baianas. Existiam muitos sujeitos que compunham o universo festivo da Lavagem, além dos já apresentados, tinham os barraqueiros que se posicionavam diante das diversas mudanças efetuadas pela prefeitura com o objetivo de controle dos espaços da festa. Eles

resistiriam em muitos momentos às mudanças radicais com ações de críticas, protestos e indiferenças a novas regras implementadas para a festa acontecer.

Esse momento festivo trazia as várias visões de mundo, os espaços ocupados pelos participantes no desfile durante o cortejo e os conflitos de poder. Entre os vários conflitos encontrados pela pesquisa estavam os dos barraqueiros com a SETUR, as disputas pelo comando do cortejo entre Zeca de Iemanjá e Mãe Socorro e o da Igreja diante a necessidade de acabar com a festa profana sob a justificativa de distorção do verdadeiro sentido religioso da festa.

A partir da interpretação e descrição da Lavagem foi possível perceber que ela foi apropriada de diversas formas pelos seus participantes, que a deram significados e sentidos próprios, permitindo multivivências e expressões culturais apresentadas através das performances culturais dos sujeitos participantes. O Cortejo da Lavagem era uma grande festa, que tinha sentidos diferentes. Para Igreja era um grande ato de profanação e desrespeito ao sagrado, pois as pessoas ao se caracterizarem e agirem de certa forma espontânea e exagerada que acabavam esquecendo o verdadeiro sentido da realização da festa. Já para a prefeitura e Secretária de Turismo o evento representava um grande potencial lucrativo e turístico uma vez que aumentava a densidade populacional da cidade e com isso a rentabilidade econômica local. Para a população católica em geral a festa representava uma grande manifestação das expressões populares movidas pela fé.

Entende-se, portanto que havia um jogo de interesses envolvendo a realização da festa de Nossa senhora Santana e esses se davam entre a Igreja, a SETUR e o povo. Após anos de diálogo em favor de mudanças que significassem maior comprometimento com a serenidade e a credibilidade atribuídas a festa, sem sucesso. Por outro lado, entende-se, que apesar das divergências a procissão de Nossa Senhora Santana e o único acontecimento religioso cultural preservado pela comunidade católica de feira reunindo multidões de toda Bahia e cidades circunvizinhas com suas devoções confiantes nas prosperidades que desejam alcançar pela interseção da santa.

FONTES

ARQUIVO DO MUSEU CASA DO SERTAO – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. Folhetos da Festa de Santana- Feira de Santana- livro miscelânea 02.

JORNAL FEIRA HOJE e FOLHA DO NORTE:

FEIRA HOJE, 1983, ANO XIII Nº2651
FEIRA HOJE, 2017, ANO XXI, Nº 5659.

MEMORIALISTAS

BOAVENTURA, Eurico Alves. **A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

LAJEDINHO, Antonio. **A Feira na década de 30 (memória)** /Antonio do Lajedinho Feira de Santana: UEFS Editora, 2004.

SITES

Arquidiocese de Feira de Santana. Disponível em: <http://www.arquidiocese-fsa.org.br/>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2012. Divisão Territorial do Brasil e Limites Territoriais; Estimativas de População. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2008/2009. Disponível em: www.ibge.gov.br/cidades. Acesso em: 08 fev. 2017.

REFERÊNCIAS

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de Festa: homenagens a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)**. Salvador: EDUFBA, 2010;

_____. As Lavagens nas festas Católicas de Salvador-BA. **Ciências Humanas em revista**, v.7, n.2, São Luis/Ma, 2009;

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e O Profano, a essência das religiões**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992;

GALVÃO, Renato de Andrade. **Os povoadores da Região de Feira de Santana**. Sitientibus. Feira de Santana, n.1, p. 25-31, jul./dez.1982;

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Salvador: Itapuã, 1968.